CONTRIBUIÇÃO À TOPONÍMIA CEARENSE

FLORIVAL SERRAINE

(Continuação)

NOMES INDÍGENAS DE LOCALIDADES (cidades e vilas) — Abaíra (ex-Pedro Segundo), Acarape, Acaraú (1), Acopiara (ex-Afonso Pena), Aiuaba (ex-Bebedouro), Amanaiara (ex-Sinimbu), Amanari (ex-Pocinhos), Amaniutuba (ex-Ouro Branco), Anacetaba (ex-São Gonçalo), Anauá (ex-Espírito Santo), Apuiarés (ex-Jacu), Aquiraz (2), Aracati, Aracatiara (ex-Lagoa), Aracatiaçu (ex-S. António), Aracoiaba, Arajá, Arajara (ex-Farias), Aranaú, Arapá (ex-Uberaba), Arapari (ex-Imperatriz), Araporanga (ex-Boa Saúde), Araquém, Ararendá (ex Cana Brava), Araripe, Arariús, Aratama (ex-Araras), Araticum, Aratuba (ex-Santos Dumont), Aruaru (ex-Pirangi), Assaré, Banabuiú (ex-Laranjeiras), Baturité (3), Beberibe, Bitupitá (ex-Almas), Bixopá, Bunhú, Caipu, Calabaça (ex-Extrema), Camocim, Cangati, Canindé, Caracará, Cariré, Cariri, Caririaçú (ex-São Pedro), Cariús, Cariutaba (ex-Ingá), Carnaúbas, Catolé, Caucaia (ex-Soure) (4), Cauípe, Caxitoré (ex-Retiro), Cemoaba (ex-Natividade), Choró, Cococi, Coité, Coreaú (ex-Palma), Crateús (5), Croatá, Cruxati, Cuipiranga (ex-Tibau), Cuncas, Curatis (ex-Pajeú), Curu, Curuataí (ex-Pitanga), Curunhu, Curupira (ex-São Sebastião), Ematuba (ex-Bom Principio), Ereré (ex-Ipiranga), Giqui, Groaíras (ex-Guimarães), Guanacés (ex-Bananeiras), Guaraciaba (ex-Campo Grande) (6), Guaiúba, Guaramiranga, Guararu (ex-Primavera),

Guassi (ex-Serrinha), Guassosê, Guriú, Iapi (ex-Vertentes), Iara (ex-Boa Esperança), Ibaretama (ex-S. Luís), Ibiapaba, Ibiapina, Ibicatu (ex-Fortuna), Ibicuã (ex-Miguel Calmon), Ibicuipeba (ex-Taboleiro), Ibicuitaba (ex-Areias), Ibicuitinga (ex-Areia Branca), Ibiuna (ex-Brejinho), Iborepi (ex-Riacho Fundo), Ibuaçú (ex-Socorro), Ibuguaçu (ex-Ubatuba), Icapui (ex-Caiçara), Icaraí, Icó (7), Igarói (ex-Água Fria), Iguatú, Inhamuns (ex-Nova Cruz), Inhuporanga (ex-Campos Belos), Ipaguaçú (ex-Mirim), Ipaporanga (ex-Águas Belas), Ipaumirim (ex-Alagoinha), Ipu (8), Ipueiras, Iracema, Irajá, Iratinga, (ex-S. Miguel), Irauçuba, Irici (ex-Flores), Itacima (ex-Torres), Itaguá (ex-Itaipu), Itaiçaba, Itaipaba, Itapagé (ex-S. Francisco), Itapebuçu (ex-Lagedo), Itapeim (ex-Cruzeiro), Itapipoca, Itapiuna (ex-Itauna), Itarema, Itatira (ex-Belém), Itapó (ex-Pedreiras), Jacampari (ex-Olinda), Jacarecoara, Jacaúna (ex-Iguape), Jaguaribe, Jaguaruana (ex-União), Jaibaras, Jamacaru (ex-Goianinha), Jandoim (ex-S. João), Jati (ex-Macapá), Jericoacoara, Juá, Juatama (ex-Floriano), Jubaia, Jucás (ex-São Mateus), Macacaoca (ex-Castro), Macambira, Macaraú (ex-Entre Rios), Manituba (ex-Algodões), Mapuá (ex-Boa Vista), Maracanaú, Maraguá (ex-Vera Cruz), Maranguape, Mararupá (ex-São Félix), Mauriti, Meruoca, Milhã, Miraima (ex-Timbaúba), Mirambé (ex-Taquara), Missi, Mondubim, Monguba, Mororó, Mulungu, Mundaú, Murereíba (ex-Gameleiro), Muriti (ex-Buriti), Muxiopó (ex-Junco), Naraniú (ex-São Caetano), Ocara (ex-Jurema), Oiticica, Orós, Pacajus (ex-Guarani), Pacatuba, Pacoti, Pacujá, Panacui, Paracuá (ex-Coreaú), Paracurú, Paraipaba (ex-Tigre), Prajuru (ex-Barrinha), Parambu (ex-Cachoeirinha), Paramoti (exSaldanha), Parangaba (ex-Porangaba) (9), Parapuí (ex-Estreito), Paripueira, Pavuna, Pecém, Pindoguaba (ex-Palmeirinha), Pindoretama (ex-Palmares), Pirabibu, Podimirim, Poranga (ex-Formosa), Potengi (ex-Xique-Xique), Poti, Potiretama (ex-Bom Jardim), Quatiguaba, Quimami, Quincoê, Quincuncá, Quitaiús (ex-Rosário), Quixadá, Quixará, Quixariú (ex-São Domingos), Quixelô (ex-Bom Jesús), Quixeramobim (10), Quixeré, Quixoá, Reriutaba (ex-Santa Cruz), Rincaré (ex-Água Boa), Sapupara (ex-Ta-

batinga), Sitiá (ex-Barra), Siupé, Sucatinga, Sussuarana, Tabainha (ex-Santa Luzia), Taperuaba (ex-Santa Maria), Tapuiará, Tataíra (ex-São Bernardo) Tauá (11), Tejuçuoca, Tianguá, Timonha, Trairi, Trapiá, Truçu, Tucunduba, Tucuns, Tuina (ex-Remédios), Tururú, Ubajara, Ubaúna, Ubiraçu' (ex-Jatobá), Uiraponga (ex-Livramento), Umari, Umarituba, Umburanas, Umirim (ex-Riachuelo), Upabuçú (ex-Poço Comprido), Uruburetama (12), Uruoca (ex-Riachão), Uruquê.

RIOS E RIBEIROS: — Acaraú, Aracatiaçú, Aracatimirim, Banabuiú, Canindé, Cariú, Camocim ou Coreau', Cauípe, Caxitoré, Ceará, Choró, Cocó, Cunqué, Curú, Groaíras, Itacolomi, Jaguaribe, Jucá, Mundaú, Pacoti, Pajeú, Pejuaba, Piu', Pirangi, Quixeramobim, Sapupara, Sitiá, Sussuanha, Timonha, Trairi, Trici, Ubatuba, etc..

LAGOAS: — Camoropim, Capoã, Catu, Igatu, Jaçanaú, Jereraú, Maracanaú, Maraponga, Pabuçu, Pajuçara, Periquara, Porangaba, Porangabuçú, Precabura, Tauape, Timbaúba, Trairi, Uruará, Uruarú, etc..

PONTAS E PORTOS: — Acaraú, Aracati, Camocim, Ceará, Iguape, Jericoacoara, Mucuripe (13), Mundaú, Pecém.

ILHAS: — Guajeru, Quixeré.

SERRAS E SERROTES: — Acarape, Aireron, Apodi, Araripe, Aratanha, Baturité, Camará, Cangati, Canindé, Carateús, Caraíbas, Catolé, Cauípe, Coronzó, Curuminjuba, Enxuí, Guariba, Ibiapaba, Imburanas, Jaguaribe, Juá, Maranguape, Meruoca, Missi, Mucuim, Oróis, Oriboré, Pagé, Pindá, Piraçunga, Tejuçuoca, Timbaúba, Trapiá, Uruburetama.

Alguns topónimos que, pelas últimas determinações oficiais ficaram representados por um ou dois vocábulos, já foram mais extensos, constituidos da associação de palavras portuguesas e indígenas.

Quando referimos os nomes de vilas e cidades de origem

indígena indicamos inúmeras modificações toponímicas, determinadas pelo último Decreto-lei. Citamos algumas outras, que procedem de leis anteriores. Exs.: — *Curu* (antigamente São Luís do Curu); *Pirangi* (antigamente São João do Pirangi); *Quincuncá* (antes São José do Quincuncá); *Santana* (antes Santana do Acaraú); *Santanópole* (antes Santana do Cariri); *São Gerardo* (antes Acarape do Meio); *Targinos* (antes Ipueira dos Targinos).

Pelo último Decreto-lei duas importantes cidades, que eram representadas por um só vocábulo, respectivamente, passaram a ser constituidas da associação de uma palavra portuguesa e outra de origem indígena. São elas: — *Lavras da Mangabeira* (14) (antes Lavras), e *Viçosa do Ceará* (antes Viçosa) (15).

Foram assim modificadas para diferenciar de cidades do mesmo nome, localizadas em outros Estados do País. Passamos a citar alguns topónimos constituidos da associação vocabular a que acima aludimos: — *Barra da Caponga, Buriti dos Oleiros, Catinga Redonda, Olho dágua do Pitaguari* (povoados); *Tapera Acima* (riacho); *Várzea da Timbaúba* (lagoa); e os nomes de lugares *Capim Grosso, Capim de Roça* e *Capim Pubo,* este, aliás, constituido de dois vocábulos indígenas, sendo que o segundo da associação apresenta a desinência portuguesa *o,* do masculino, na fórma tupi *puba,* que — segundo assinalou Clóvis Monteiro — é usada como qualificativo: *mandioca puba, farinha puba,* dizendo-se mesmo, no Ceará *chá pubo,* para designar azedo, alterado. (Ap. Artur Neiva — "Estudos da Lingua Nacional" — pág. 287). Um interessante topónimo, formado de duas palavras portuguesas e uma indígena, é *Cunhã de Freitas,* que se acha no registo de uma sesmaria concedida ao Capitão Simplício Dias da Silva, pelo governador João Carlos A. de Oeynhausen, em 14 de Novembro de 1804 — "de umas terras nas ilhas Cunhã de Freitas e a Grande na vila de Granja". ("Anais do Arquivo Público do Ceará" cit., pág. 75).

Ocupar-nos-emos a seguir de casos em que elementos das duas linguas compõem um só vocábulo, que é o toponimo híbrido. E' verdade que, pela maior parte, são devidos à sufixação portuguesa em raizes tupis; mas existem exceções, como neste

topónimo: CABARUTINGA (de *cabaru, corr.* tupi de cavalo — palavra portuguesa *tinga* branco — voz indígena) — serrote seco no sertão de Canindé. Outros exemplos de hibridismos: *Caiçarinha* (de *caiçara,* nome tupi-guarani: *caà* mato, *içá* estaca, esteio x suf. dimin. *inha,* o mais popular da língua portuguesa, agregado ao radical da palavra por elisão da vogal final da mesma) — distrito no Município e termo de Quixadá; *Cajazeira* (de *cajá,* nome indígena de um fruto da região x inf. eufonico *z* x suf. vernáculo *eira* o que produz. O aborigine em vez de cajazeira usava o termo *cajahyba* — árvore da cajá ("Vocab. Indig." cit. — Paulino Nogueira) — povoação entre Fortaleza e Messejana e povoado em mais de um Município; *Cajazeiras do Farias* é a denominação aplicada a um povoado na freguesia de Barbalha; *Cajuais* (de caju), nome indígena de um conhecido fruto x suf. vernáculo *al,* que exprime colecção, pluralizado — *ais.* Pompeu Sobrinho (trab. cit., in "Rev. do Inst. do Ceará") admite também a seguinte interpretação etimológica: *acaju, acaiú* x *a* colher cajú — povoado no Município de Aracati e também ponta na mesma região; *Cajueiro* (de *caju* indígena x suf. *eiro,* vernáculo, o que produz) — lugar no Município de Maranguape; povoado no de Jardim, no de Granja e à leste de Barbalha; e serra no Norte do Estado, distrito do Riachão, hoje Uruoca. Citamos ainda *Cajueiro do Ministro* — lugar onde fazem pousada os viajantes na estrada de Fortaleza a Cascavel.

A etimologia que Artur Neiva julga mais acertada de *cajú* é esta, citada pelo historiador Rodolfo Garcia: — "de *acá* caroço; *y* — *ub* que dá, que tem, alusão à castanha. ("Estudos da Língua Nacional, pág. 79); *Carnaubal* (de *carnaúba,* que procede — seg. Paulino Nogueira — da contracção de *caranhe* arranhar e *uba* árvore — árvore que arranha (donde ser erroneo chamar à árvore de *carnaubeira*) x sufixo vernáculo *al,* que exprime colecção, abundância. Malaret regista o vocábulo na Colômbia e na Venezuela (V. "Dic. de Americanismos". Supl. — Tomo I, pág. 285). Teodoro Sampaio diz ser *carnaúba* corrução de *caranayba* e aparecer o nome designando grande número de localidades, sob as formas corrutas de *Carnahyba, Carandeú-*

ba ou *Crundeúba* e até *Crindeúba* (V. "O Tupí na Geog. Nac.", pág. 125) — distrito da comarca e termo de São Benedito; sítio no Município de Cascavel; terras no rio Choró, no Município de Baturité; lugar no Município de Pereiro; lagoa no Município de Viçosa. Há também *Carnaúbinha*, distrito do termo de Solonópole, comarca de Jaguaribe, e olho dágua no termo de Santana; *Pernambuquinho* de *Pernambuco*, topónimo indígena, assás debatido x o sufixo vernáculo diminutivo *inho* — enseada perto da barra do Aracatiaçu, na costa norte do Estado; povoação perto da barra deste nome; distrito do termo de Pacoti, comarca de Baturité. Ocupando-se dessas formas diminutivas de certos topónimos escreve Antonio Bezerra ("O Ceará e os Cearenses" — págs. 128 e 129): — "Vê-se, entre nós, que uma localidade qualquer que já tenha nome, toda vez que se funda outra com o mesmo, dá-se-lhe este na forma diminutiva, muito embora distante dela no que regula invariavelmente a procedência do primeiro. Assim, o sítio Caracu, na comarca de Sobral, foi povoado primeiro que a lagoa Caracuzinho, no Municipio de Porangaba; o sítio Piauizinho, no Icó, teve seu nome já existindo o Piauí grande; o sítio Ipuzinho foi povoado depois do Ipú grande; dos dois rios Aracati, ao norte do Estado, chamou-se ao primeiro Aracatiaçu, por ter sido descoberto antes do outro, que fica mais além, ao qual se denominou Aracati-mirim", etc..

Como formas híbridas de topónimos indígenas e um sufixo vernáculo diminutivo referimos ainda: *Chorozinho* (distrito do termo de Pacajus, comarca de Cascavel), *Icozinho* (distrito do termo de Icó, comarca deste nome), *Parazinho* (enseada ao norte da barra do rio Ceará e distrito do termo de Granja, comarca deste nome), formadas respectivamente de *Choró, Icó* e *Pará*, mais o sufixo *inho*, com a interposição do infixo *Z*, eufonico. Observa o já citado Bezerra que a enseada do Parazinho era simplesmente Pará, ao tempo em que o Padre Figueira escrevia a sua "Relação do Maranhão": — "Chegarão aos 2 de Março (de 1607) ao pará que é "huma muy formosa e quieta enseada"... E da povoação *Parazinho* diz Álvaro Gurgel de Alencar que o verdadeiro nome é Pará, embora seja corrente a outra forma. ("Dic. Geog. Hist." cit. — pág. 285).

Juazeiro, cidade situada ao sul do Estado, no vale do Cariri, onde viveu o célebre Padre Cícero, sede de Comarca e Município; *Ingazeiras, Mangabeiras, Mutambeiras e Pitombeiras,* distritos respectivamente: do termo de Aurora, comarca de Lavras da Mangabeira; do termo de Lavras da Mangabeira, comarca deste nome; do termo de Licânia, comarca de Sobral; do termo de Cascavel, comarca deste nome; são cinco topónimos formados de vocábulos indígenas — juá, ingá, mangaba, mutamba, pitomba — todos da botânica regional, com os sufixos vernáculos *eiro, eira,* este pluralizado, os quais exprimem, no caso, *o que produz*: árvore do juá e árvores do *ingá,* da *mangaba,* da *mutamba,* da *pitomba.* (V. o que, a propósito do vocabulário brasileiro de procedencia vegetal, comenta Artur Neiva, em "Est. da Língua Nacional" págs. 68 e 69).

Outro hibridismo na toponímia do Ceará é *Jaguaribana,* distrito do termo de Frade, comarca de Jaguaribe, que, de acordo com o último Decreto-lei, veiu substituir o nome antes em vigor: *Santa Rosa.* Formado de *Jaguaribe,* topónimo indígena bem conhecido x sufixo vernáculo *ana,* fem. de *ano,* que denota *naturalidade* ou *relativo a. Jaguaribe* é nome do maior rio do Estado e sobre a sua etmologia, incontestávelmente indígena, divergiram Alencar, Pompeu, Martius e P. Nogueira. (V. "Dic. Geog. Hist. do Ceará" — pág. 204).

Neste passo, acentuamos que não nos ocuparemos dos vocábulos indígenas que, pelo último Decreto-lei, vieram substituir antigos nomes da toponímia estadual.

Quanto aos que já eram tradicionais, verifica-se, ao examiná-los, que, a par do maior número deles, constituido de vocábulos formados para a designação geográfica, peculiares ao Ceará, há outros correspondentes a nomes indígenas conhecidos fóra da onomástica, alguns já incorporados ao português geral. Sabemos como são imprecisos e variáveis os dados sobre etimologias de vocábulos. Por isso é que usamos, às vezes, neste trabalho, ao nos ocuparmos da origem de palavras, do processo enumerativo. Referimos todas as interpretações etimológicas que nos cheguem às mãos. Um método de simples hipóteses, conjectural, portanto, carecente de maior significação científica...

Lembramos aqui que, entre os modernos filólogos, há uma corrente que não hesita em negar valor linguístico às interpretações etimológicas. Charles Bally declara mesmo que "a história não existe para a conciência linguística, cometendo-se, pois, duplo erro ao isolar as palavras para projetá-las no passado". (V. "El lenguaje y la vida" — págs. 104-105. Ed. Losada — Buenos Aires). Em toponímia, decerto, não podemos chegar a tanto, pois — como bem acentúa Grabner — "o estudo dos topónimos nos ensina a conhecer os antigos limites das unidades étnicas e, portanto, das unidades de cultura". ("Metodologia etnológica" — Fritz Grabner, pág. 110. La Plata, República Argentina — 1940). O que queremos frisar é a dificuldade, os óbices, não raro intransponíveis, que se nos deparam, quando procuramos descer ao primitivo conteúdo expressional dos vocábulos. Somos certas vezes levados a pensar que Hovelacque jamais tentara fazer *blague* quando disse não passar a etimologia de simples adivinhação. Exs.: *canindé* ("espécie de arara ou guacamaio; foi também o nome de uma tribo de raça tapuia, que dificilmente se submeteu ao aldeamento. Ocupava as margens do Banabuiú e Quixeramobim e foi reunida em missão aos Quixelôs e Baturités, pelos jesuítas, no lugar que ainda hoje conserva o nome de Canindé" ("Vocáb. Indig."— P. Nog.; verb. respect.). Artur Neiva acha que a expressão *canindé* talvez nada deva exprimir que lembre preto, e faz eruditas considerações às págs. 156 — 158 da sua obra, citada, acerca do tema. O Peq. Dic. Bras. da Língua Port. diz ser ave da família Psittacidae (Ara ararauna, Linneu). A. da Matta diz que André Thevet descreveu-a e é conhecida desde 1558, observando ainda que os tupinambás usavam também o nome canindé ("Contr. ao vocab. amaz"); *jucá* (árvore que fornece boa madeira de construção. O entrecasco é usado como medicamento. O pau é tão rijo, que dele se serviam os aborígenes para matar e, por esta razão, deram-lhe o nome de *jucá* — matar. Do pau foi transferida a designação ao riacho, no termo de Tauá, e também à tríbo, que ocupava as margens desse riacho, muito guerreira, amiga da guerra para ter ocasião de matar, donde lhe veio o nome. Aldeada em 1727 foi depois daí retirada pela destruição que fazia nos gados dos

colonos vizinhos. Em 1761 foi reunida às dos *Cariris* e *Cariús* para povoar a nova vila do Crato. O lugar do antigo aldeamento foi elevado à freguesia por Provisão de 13 de Março do ano seguinte com a denominação portuguesa de Arneirós, que ainda conserva. ("Voc. Indig." cit. — Paulino Nogueira, baseado em Théberge, Pompeu, J. de Morais, Gonçalves Dias, José de Alencar e Araripe); Couto de Magalhães regista *jucá*-matar (V. "Curso de Língua tupi viva ou nheengatu" — pág. 73—In "O Selvagem" — Brasiliana). "O Vocabulário — Tupi-Guarani", de Baptista de Castro, apresenta a mesma forma — *Jucá*, com os significados de matar, ferir. (Ob. cit. — Ariel Editora — Rio, 1936; pág. 62). Stradelli dá também o vocábulo com esse significado ("Vocabulários nheengatu — português = Português — nheengatu", pág. 258). No "Vocabulário na Língua Brasílica", pág. 290, está "*ajuca* = matar como quer, matar pessoas"; *camoropim* (Cândido de Figueiredo (Dic. cit.) regista *camorupim* — nome de um peixe brasileiro. São bem conhecidos e apreciados no Ceará os *camoropins*, bem como as suas ovas. Acaraú fornece talvez os mais saborosos exemplares. A interpretação etimológica que fazemos é a seguinte: *ca* aquele que, mbó conter, rupiá ovo, larva, etc. — o que contém ova; referência a essa particularidade do *camoropim*, assás conhecida e apreciada — como dizíamos — nesta região. Quanto à grafia *camboropim* é a que se encontra em velhos cronistas, como *Gandavo* (Ap. A. Neiva — ob. cit., pág. 146).

Stradelli refere "*camurapi*" — casta de peixe do salgado, e"*camury*, *camory*", também peixe do salgado (ob. cit., pág. 393). — Teodoro Sampaio refere *camurupi* — peixe conhecido, também chamado *camboropi* (obra cit., pág. 209); *camocim* (corr. de *camotim*, pote de boca pequena (Barão de Studart, "Geog. cit., pág. 345). Baptista de Castro refere "*Camucy*, *Camoci*, *Camuty*, *Cambucim*, *Cambuchí*, *Cambú*", com o mesmo significado de pote, cântaro, urna, ("Vocab". cit., pág. 34). A. da Matta refere *camutim* como termo regional da Amazônia. ("Contr. Vocab. am".) O Peq. Dic. Bras. define *camotim*, o mesmo que *camocim*: grande pote de barro onde algumas tribos indígenas metiam cadáveres para os enterrar); *timbaúba* (do tupi

timbo yba planta de espuma; árvore, cujo tronco às vezes engrossa extraordinàriamente e que dá uma fruta muito amargosa, que bota espuma, para lavar a cabeça (Paulino Nogueira — "Voc. Ind." cit); *guajeru* (arbusto frutífero, rasteiro, vegeta em lugares arenosos). De *gua* pintado e *juru* boca, porque o fruto tinge os lábios de quem o come ("Vocab. Indig". cit. P. Nogueira). Seguindo essa interpretação teríamos que dizer, de acordo com o "Vocab. Tupi-Guarani", de Baptista de Castro: de *guag* pintado e *yuru* boca. (Cf. op. cit., págs. 51 e 130). O "Dic. de Americ". de Malaret cita *guajeru* ou *guajuru*, do brasileiro *goajuru*, (o mesmo *hicaco*) árvore da América meridional; *cangati* (peixe de couro, semelhante ao bagre. De *acanga* cabeça e *catu* boa — cabeça boa, porque a cabeça deste peixe é saborosa "Vocab. Indíg." cit.); *catolé* ("palmeira da quarta tríbo das *coryphineas Raphis paramidata*. No Amazonas raríssima e importada. Chamam-na nicori, ouricuri, uricuri, no centro e nordeste". (Alf. da Matta — "Cont. ao vocab. amazon.", cit.). Morais regista a palavra em seu Dicionário, trazendo no verbete respectivo: coquilho de um arbusto deste nome, do qual se tira em Pernambuco óleo para guisar, e para luzes: é inculto, dá-se nos Guararapes pelo mato. Espécie de palmeira pertencente aos generos *Cocos e Attalea* — diz o Peq. Dic. Bras. da Língua Portuguesa. Teodoro Sampaio frisa que o vocábulo não parece tupi (ob. cit., pág. 211), e cita Catolé ou Catulé, entre os topónimos de origem *tapuia* (Ib. — págs. 43 e 45); *enxuí* (abelha pequena, de cor pardacenta — *exui, de exu* e o diminutivo — *i;* laboriosa, que constrói favos de delicioso mel. "A fórma *enxuy* — seg. Paulino Nogueira, — bem como *inxuhy* e *injuy*, usadas por Pompeu e Taunay estão em desacordo com a etimologia". *Exu*, abelha pequena — diz o já citado Nogueira — é corrutela de *eichu* busca mel, de *ei* mel e *chu* buscar, espécie de abelhas negras — Apud. Bat. Caetano. Martius referiu como corr. de *eirú* ("Vocab. Ind". — Paulino Nogueira, no verbete de *exu*).

Artur Neiva cita *exu* entre as denominações indígenas aplicadas a insectos, da toponímia cearense, ao lado de *meruoca, tubibas* e *jangaruçú* (cf. ob. cit., pág. 114). Quanto a estes nomes de lugares, lembramos que o "Dicionário" de Álvaro Gur-

gel só não regista o último, trazendo, porém, *Jangaruçu*, que Paulino Nogueira interpretou como onça grande (de *jaguar* onça + *uçu* grande). Nelson de Senna escreve que o nome ocorre em nosso país, na toponímia sob as variantes de *Echu*, *Eichu*, *Enchu* e *Exu*, principalmente no noroeste brasileiro, e que designa certa *abelha negra* (em tupi *eichu*, contração de eira-chu), a qual faz um ninho rugoso ou áspero ("Excerptos de Nótulas sobre Philologia Histórica Brasileira" — in "Rev. de Philologia e História" — Tomo II, Fasc. II — 1933). — Alfredo da Matta (Cont. ao est. de vocab. amaz", cit., in Rev. do I. H. e Geog. do Amazonas") no verbete de *eixu* refere: abelha mestra. Do tupi (T. Sampaio). Corrupt. de *ci hub* pai do mel (Bapt. Caetano). Teodoro Sampaio (ob. cit. — pág. 215) esclarece: "cor de *eichu* ou *eira-chu*, abelha negra que faz um ninho rugoso, áspero. Alt. de *enxu*", etimologia que Nelson de Senna — segundo vimos — adotou. Alfredo de Carvalho cita como denominação de uma localidade em Pernambuco (trab. cit., in "Rev. do Inst. Arch. e Geog. Pernamb". — pág. 391). — Não confundir com o africanismo *exu*, termo esotérico da mística religiosa dos afro-brasileiros (V. Renato Mendonça — "O Português do Brasil", pág. 195); *aracati* (*aracatu*, tempo bom). Chamavam os índios *aracatu* ao vento, que soprava do Norte, e refrescava os ardores do estio (cf. Studart — ob. cit., pág. 345). O Peq. Dic. Bras. regista o vocábulo, definindo-o: vento noturno que sopra no vale do Jaguaribe. Cândido de Figueiredo regista o brasileirismo cearense, como refere o Peq. Dic. A palavra sofreu outras interpretações, mas a que prevalece entre os entendidos é a referida por Studart, já anotada por Martius — tempo bom, bons ares. Vide "Dic. Geog. Hist". — Álvaro Gurgel, cit., à pág. 23); *guariba* (macaco que emite sons guturais e cavos, devidos ao grande desenvolvimento do osso hióide, que tem aí as funções de caixa de ressonância. Do tupi *guahur yb* chefe dos berradores (B. Caetano) ou *guara aíba* bicho feio, mau (Alfredo da Matta, trab. cit.). Paulino Nogueira cita ainda a etmologia *uariba*, de *uâ* cauda e *ib* levantada — interpretação essa de B. Rodrigues, na *Rev. do Inst.* p. 106). Teodoro Sampaio julga corr. de *guara-aíba*, indivíduo feio, gente ruim (ob. cit. — pág. 220). Baptista de Castro regista *guari*, definindo a palavra: guariba ou ma-

caco; torto. (Vocab. cit., pág. 52). Refere também *guahur*, guahu — cantar tristemente; cantor. (Ib., pág. 51).

Malaret regista o vocábulo na Colômbia (Dic. de Americ", pág. 279) e como "cierto mono de la cuenca amazonica, citado por Gastón Figuera, escritor uruguaio. (Suplem. ao Dic. de Americ", pág. 63 do 2.º volume); *imburana* (árvore pequena, de casca muito cheirosa, que se usa na roupa para deitar-lhe cheiro. Etim: imbuzeiro falso, de *imbu* ou *imbuzeiro* e o suf. *rana* falso. Quanto a *imbu*, Bapt. Caetano considera abreviatura de *iba imbu* fruto que faz vir ou dá agua. J. Lucock escreve: espremido dá uma grande quantidade dágua, donde seu nome, de *uu* beber, ou de *ambàe-ù* cousa que se pode beber (Ap. Paulino Nogueira). Alfredo da Matta apresenta a seguinte etimologia: do tupi *ymib u*, árvore que dá de beber, ou literal, agua árvore bebe. (Contr. ao Vocab. Amaz.", cit.). O Peq. Dic. Bras. regista *imbu* ou *umbu*. A árvore frutífera sendo a *Spondias* Purpurea, Lin., da família das Anacardiáceas (não confundir com o *umbú* do Rio Grande do Sul e repúblicas do Prata); *juá* (Paulino Nogueira refere: "fruto do *juazeiro*, carnudo, do tamanho de um murici, porém mais comprido, amarelo esbranquiçado, a casca áspera e gosto menos agradável. Etimol. : — *juá* fruto espinhoso e fruto amarelo, nome dado às bagas de diversas solâneas de cálice espinhoso e às mesmas solâneas. (B. Caetano. "Vocab". cit., pág. 596); variação de *cui*, modificado em *gui*, *guá*, designação dos índios a todo fruto carnudo. Martius, cit. pág. 378; fruto amarelo, de *yub* amarelo e *uá* fruto. B. Rodrigues, *Rev. do Inst.* cit., pág. 94. É inaceitavel: de *cahâ* herva. Pizarro, *Solamina* cit. pág. 77". ("Voc. Indig.", cit.). Teodoro Sampaio regista *juá* — corr. de *yú-á*, o fruto de espinho (ob. cit., pág. 239). O Peq. Dic. Bras. regista *joazeiro* — árvore da família das Ramnáceas (*Zizyphus joazeiro*, Mart.), *joaz* — saboroso fruto do Brasil e juá — nome comum a vários arbustos da família das Solanáceas); *mucuím* (mosquito pequeno). Teodoro Sampaio na 2a. edição de "O Tupí na Geographia Nacional", cit., grafa *mocoim*, julgando a palavra corrução de *mocoóî*, o que faz pungir miudinho; insecto (?) minúsculo e vermelho que morde acremente. A. da Matta escreve a

respeito: "pequenino acariano hematófago, vermelho esbranquiçado, de picada a causar forte prurido, pertencente ao genero Trombidium. Abundante e aos enxames na relva e capinzais rasteiros. Mosquito pólvora. Do tupi. Cit. por Gonçalves Dias". Artur Neiva diz que zoológicamente *mucuim* não é insecto, e que não deve ser confundido com *maruim,* referindo-se aos acarianos em geral, representantes do genero *Trombicula* e que somente na fase larval são hematófagos. (ob. cit., pág. 127). Paulino Nogueira, tractando da origem do vocábulo, observa que Rubim considerou o mesmo guarani, de *picuii;* seg. Martius: de *mo* em *coom* arder e *i* pequeno; alteração de *mocuu*, *mocoô* fazer arder, pungir, queimar. Mosquito — B. Caetano); *pagé* (sacerdote, profeta, médico e também feiticeiro. Foram os catequistas que rebaixaram o sentido do vocábulo a feiticeiro. Etim: de *paijé* o que diz o fim, profeta, oráculo, médico, feiticeiro — seg. B. Caetano, referido por Paulino Nogueira em "Vocab. Indig." cit. — Macedo Soares ("Est. Lexicogr. do dialecto bras." — pág. 93) transcreve um trecho do Thez. descob. no r. Amaz. (In Rev. do Inst. Hist. 1840) em que se diz haver diversas castas de *pajé*: "um a que chamam *pajé catu,* pajé bom; *pajé ayba, id est,* mau. O pagé *catu* não é tão ruim, nem tão embrusteiro, como o *ayba*"; *trapiá* (árvore que dá fruto amarelo e redondo semelhante ao do maracujá *suspiro*, mas de inferior qualidade. A etimologia que indica Paulino Nogueira é a seguinte: contração de *tarabé* espécie de papagaio (Martius P. 530) e *á* fruto — fruto de papagaio. Teodoro Sampaio escreve a respeito: "corr. de *tapy-á,* o grão, a glândula, o testículo. Designa um fruto silvestre" (ob. cit., pág. 275); *coité* (árvore — cuieira — Etimologia: — corr. de *cuy* e *été* cabaceiro, já aportuguesado — B. Rodrigues. Esta é a interpretação aceita por Paulino Nogueira em "Vocáb. Indig.", cit. — Martius, fundado na autoridade de Humboldt, diz que este vocábulo foi um daqueles que se espalharam além dos limites da lingua, à que pertenciam originàriamente, e depois em toda a América. — Já é vocábulo usado no português como sinonimo de *cuia* ("Voc. Indig." cit., verbete de *coité*). Rodrigues de Carvalho escreve sobre *cuia*: "vasilha aproveitada da fruta do cabaço, aberta em duas bandas de igual tamanho.

Medida de secos, usada no Nordeste: regula dez e cinco litros". Cita ainda *cumbuca* — termo indígena — "pequeno depósito feito do fruto do coité ou do cabaço". ("Língua Nacional", in *Revista Nova* — Ano I, n.º 3 — S. Paulo). — Teodoro Sampaio explica acerca de *coité* — "*corr. cùi êtê,* vaso real, verdadeiro, capaz. (ob. cit., pág. 213) Malaret regista *cuya* no Chile: "vasija hecha de la calabaza"); *xique-xique* (planta da família das leguminosas (*Pilocereus setosus*), de cuja casca se fazem cordas; também conhecida por *tange-tange* e *brincos de viúva; xique-xique do sertão* — planta da família dos cactáceas (*opontia brasiliensis*), comum no Nordeste (V. "Dic. Contemporâneo" — Aulete, "Pep. Dic. Bras. da Língua Port." e "Dic. Când. de Fig.). Teodoro Sampaio (ob. cit., pág. 283) julga que não é voz tupi. Provavelmente é de origem tapuia. O mesmo autor assim faz pensar, pelo que escreve à pág. 45 da obra citada — "O Tupi na Geog. Nacional" — 2a. edição. Não é topónimo exclusivo do Ceará; Artur Neiva escreve: "*chique-chique,* nome de representantes da família dos cactáceas, pertencentes aos generos *Cereus* e *Pilocereus*", dizendo ser um daqueles nomes vulgares da língua de povos indígenas desaparecidos após o descobrimento e que pertenciam a grupos outros que não os tupis (ob. cit., págs. 67-68); *icó* (árvore, abunda nas margens do Jaguaribe e resiste ao verão sempre verde; dá uma frutinha do tamanho de uma pitomba, nociva aos animais, porque os embebeda. Era também o nome de uma tribo tapuia, numerosa, que habitava as serranias entre o rio Salgado e o do Peixe; foi atraída para a missão do Rio Grande do Norte (Vocáb. Indig." cit.). O Peq. Dic. Bras. refere *icó* como planta da família das Caparidáceas, que vegeta na zona da catinga, e, no plural, como indios cariris, que habitavam a região do rio do Peixe.

Etimologia: — A melhor — seg. P. Nogueira — é: "sua roça, de *i* sua e *có* roça"; G. Dias, Matta e Faria, citados por Nogueira, são dessa opinião. Aceita-a também o B. de Studart. Frei Maranhão, no entanto, opina que seja: — água ou rio da da roça, de *ig* água e *có* roça — "Voc. Ind." cit.); *ipu* (terreno de um barro preto, massapê, que tem muito humo vegetal, ou decomposição vegetal e animal que as águas acarretam das serras

e por isso muito substancioso. "É nestes *ipus* ou vales — escreve Pompeu — que se fazem as maiores plantações de canas" (V. "Ensaio Estatístico" — Vol. I, pág. 140). Etim.: — contração de *ípohu* alagadiço, pantanoso, o que tem água: ou de *ipoçu* atoladiço ou sumidouro dágua — B. Caetano); *ipueira* (lagoa rasa e alongada no meio das várzeas, formada pelo inverno, e que desaparece, acabado este; ou, como diz Juvenal Galeno, é o lugar do campo, que se enche dágua no inverno, conservando-a por alguns meses). Etim:—água retirada, de *í* água e *puyr* retirada — (Martius); ou poço dágua, de *í* e *pueira* poço. (Voc. Ind." — P. Nogueira, verbete respectivo) — Alfredo da Matta (Tr. cit.) refere: do tupi *y* — água, *puêra* — que foi; o Barão de Studart ("Geog." cit., pág. 346) considera a palavra formada de: *i* água, *pueira* poço — O Peq. Dic. Bras. regista-a como brasileirismo, com a etimologia de A. da Matta. Cita as variantes: *ipuera, impureira e puera; mauriti* (segundo António Bezerra ("O Ceará e os Cearenses", pág. 129), como tantos outros nomes por que são conhecidas localidades cearenses, não passa de corrução de um termo indígena, devida a escritores, que não conheciam a verdadeira origem da palavra. Assim, da mesma forma que se deveria chamar *Igatu* e não *Iguatu, Carateús* e não *Crateús, Mendobi* e não *Mudubim, Carnaúba* e não *Carnaùbeira,* etc., etc., em vez de *Mauriti* o adoptado deveria ter sido *Muriti ou Buriti.* "Palmeira das espécies *Mauritia vinifera* Mart. e *M. Armata.* Do tupi *mburiti* planta que dá líquido, ou *mbur* alimento, *iti* árvore alta" (Dr. Ernest, Venezuela — Ap. Alfredo da Matta, tr. cit.); Teodoro Sampaio diz: "corr. *mbíriti,* nome da palmeira (*Mauritia vinifera*); alter. *miriti, muriti* (ob. cit. pág. 207). De *mo* (fazer) *iri* (correr água) x suf. *ty* — "*Mority* — fazer fluir água constantemente. De certo, alusão ao brejo, pois que a magnifica palmeira só vegeta naturalmente onde há água corrente" (Pompeu Sobrinho, trab. cit. — verb. *Buriti*); *mulungu* (árvore cuja altura varia entre 5 a 10 metros, casca lisa, folhas compostas e flores grandes, de um belo colorido vermelho. Encontramos o vocábulo em Pompeu (Ens. Estatístico" — Tomo I, p. 175) escrito também *murungu.* Aliás, *mulungu* é considerado corrutela de *murungu,* do guarani ou

tupi, nome de árvore natural do país, da família das leguminosas. Martius considerou a palavra de origem africana. E ainda hoje há quem espose esse juízo. No "Toponomástico Afro-Brasileiro", contido no volume "O Elemento afro-negro na Língua Portuguesa" (pág.176), da autoria de Jaques Raimundo, figura o vocábulo *mulungu*, apontado como rio, município e vila do Ceará, além de facto geográfico em outros Estados do Brasil; *umari* (árvore leguminosa, cujo fruto se come cozido, no interior do Estado, Teodoro Sampaio diz: "corr. *ymari*, ou melhor *ymoriyi*, c. de *y-mo-ri-y*, contração de *yba-mbo-ri-y* e exprime — árvore que faz, que verte água", isto é, a árvore que dá água, alusão ao fenómeno de dar no inverno tanta água dos olhos, que chega a molhar o solo" (op. cit., pág. 279). A etimologia que fornece P. Nogueira é a seguinte: corrução de *ib, uba* árvore e *ri* correr, manar, e *y* água: árvore que distila água. — Alfredo da Matta escreve: do tupi *yba* árvore *mbá* fazer *ri* verter *y* água, porque os brotos da árvore em quadra invernosa exsudam líquido, por vezes de modo abundante ("Cont. ao est. do vocáb. amazonense" cit.); *araticum* (grupo de anonáceas com diversas sinonímias regionais). Na capital do Estado aplica-se o nome geralmente a uma espécie de pinha mole, cheia de massa amarelada, com caroços da mesma cor, casca fina verde, com picos porém moles e curtos (V. P. Nogueira, trab. cit.). Do tupi-guarani *iba* ou *guira* fruto ou árvore, *tii* sumo, ou comer, seg. Montoya, ap. A. da Matta. Paulino Nogueira refere algumas etimologias, parecendo-nos a mais racional esta, de Barbosa Rodrigues: de *arara* e *ticu* líquido, massa — comida de arara. A de Baptista Caetano é a seg.: — *a-rati-cui*, cuia ou vaso de cabaço ou sabugo de frutas. E a de J. Luccok: *arara* e *tyk* sumo ou suco, sumo de arara. *Stradelli* ("Vocabulários Português-nheengatu-Nheengatu-português". Rio de Janeiro, 1929. Livraria J. Leite) regista *araticu* — casta de fruta, do formato de uma pinha, de polpa amarelada, muito ácida. Comida com açúcar, se não dá um manjar delicado, dá alguma coisa de sofrível. Em seguida refere: "*raticu-açu* — araticu grande; *araticu-péua* — araticu liso; *araticupitais* — araticu queimoso; *araticu-yapópóra* — araticu do igapó; *araticu-yua* — árvore de

araticu. Anona" no "Dic. de Amer.". cit. se acha *araticu*, da Argentina, e *araticu-guaru*, do Paraguai. *Araticu*, "cierto arbol", do Paraguai e Uruguai, vem, ainda, no "Suplem" ao referido Dic. (1.º volume, pág. 125). Diz Malaret ser vocábulo guarani, ocupando-se do mesmo também em "Lexicón de Fauna y Flora" — Rev. *Univers. de Antioquia*, 55. Pompeu Sobrinho apresenta a seguinte etimologia: — *A'* (pref. fruto) x *rá* (soltar, produzir) x *ticu* (ralo, diluído, aguado) — o que produz fruto aguado (tr. cit., verbete *araticum;* in "Rev. Instituto do Ceará, n.º cit.); *caiçara* (cerca feita de paus estendidos sobre estacas cruzadas em forma de trincheira. Faz-se comumente nos roçados, no tempo próprio da plantação, dos paus que ficam da coivara). P. Nogueira acha a etimologia mais adeaquada a seguinte: corrutela de *caa-iça* estacas de mata, esteios de mato, varas ou paus de mato, estacada, trincheira, tapume, cerca de pau. — B. Caetano. Alf. da Matta prefere a seg.: — do tupi *caa* mato, vara, *içara* a prumo. Stradelli regista "*caisara* — apertador, cerdador. Era o nome do cercado de pau-a-pique, que guarnecia a margem interna da vala, com o qual algumas tribos, espécie da nação Baniua ou Baniba, circundavam a própria taba, e de que tenho visto restos no rio Uaupés, onde os Tarianas, tribo baniua, o chamam *biaridó*". Refere ainda com a mesma forma, isto é, com o *i* tilado (em falta de certos caracteres na tipografia onde foi impressa esta edição da obra de Stradelli tiveram de substituir, p. ex., o *i til* por *î* — o forte curral, onde as Companhias de Resgate conservam provisòriamente os índios "resgatados" para serem distribuídos ou vendidos. De onde, pois, o nome de *Caîsara* que davam aos índios fugidios. Cita ainda *caíçara*, isto é, com acento agudo no i — queimador, abrasador (ob. cit., pág. 391); Rodrigues de Carvalho escreve sobre *caiçara*: "Casa de palha nas praias do Nordeste. E' do tupi: cerca, trincheira de folhagens. Afonso de E. Taunay dá como termo imoral em S. Paulo" (Língua Nacional — In "Revista Nova" — Ano II— N.º 7 — S. Paulo); *caracará* — gavião, casta de Poliboro que vive preferentemente de peixes e rãs, mas não despreza os cadáveres que vêm a apodrecer nas margns dos lagos, onde geralmente vive isolado ou aos casais (Stradelli, ob. cit. — pág. 397).

O "Dicionário de Americanismos" — Suplemento — de A. Malaret, refere: *caracará* outro nome do caracho (*Polyborus tharus,*) no Paraguai e no Uruguai; e *caricaré* — "ave rapaz diurna", da Venezuela *Polyborus vulgaris; brasiliensis*) — 1.º. volume, págs. 275 e 284). Nome onomatopaico a lembrar o canto. Corrup. do tupi *carãi-carãi* (A. da Matta). P. Nogueira regista *carcará* (*polyborus vulgaris sp.*) com mais de uma etimologia, sendo a de B. Caetano: *carâi* arranhar e *âi* dente, farpa. Paulino Nogueira escreve ainda, a propósito, que este gavião é daninho à criação miúda: num rebanho de carneiros e cabras mata ou estraga todos os cordeiros e cabritos que apanha, despedaçando-lhes o cordão umbilical, furando-lhes os olhos e cortando-lhes a língua de preferência, pelo que os fazendeiros põem grande interesse em dar-lhe caça (Ap. "Maravilhas da Criação", pág. 23). Teodoro Sampaio diz sobre *caracará: corr. carãe — carãe,* o arranhador, o arranha-arranha (*Polyborus vulgaris* Vieill); alt. *carcará* (ob. cit., pág. 210). Couto de Magalhães escreve, à pág. 87 do "Curso de Língua Tupi viva ou nheengatu", em nota apensa, que a "raiz *car* ou *ra* envolve a ideia de dilaceração, e entra na composição de muitos nomes de vegetais providos de espinhos retorcidos como garras— exemplos: *taquara, caragua-á, marajá* (vegetais de espinhos retorcidos); *caracará* gavião, *carará* corvo dágua, *iauára* cão, *iaráeté* onça, *auará* lobo, *caráin* arranhar, esfolar". (V. General Couto de Magalhães — "O Selvagem" — 4a. edição completa-Brasiliana). No "Vocábulario na Língua Brasílica" (manuscrito português — tupi do século XVII, coordenado e prefaciado por Plínio Ayrosa — Vol. XX, da Colecção Departamento de Cultura — S. Paulo, 1938), à pág. 111, *arranhar* corresponde em tupi a *aicaray; giqui* (espécie de manga tecida de *cipós* e *taquaras*:serve para pesca e caça, ou covos afunilados, às vezes com duas sangas, que se metem nos caneiros (Paulino Nog., ap. Gonçalves Dias e Varnhagen — "Voc. Indig." cit.).

Stradelli (ob. cit., pág. 467) dá *giqui* como *ieki* e refere *iukiá* pág. 486)—nassa tecida de talas ou cipó, de forma alongagada e aberta em ambas as extremidades em forma de funil por onde o peixe entra com algum esforço. É armadilha especialmente

usada para pescar nos igarapés. Alfredo da Matta refere *giqui* com esse significado e também como roupa muito apertada e a tolher os movimentos da pessoa, accepção esta que já veio por uma extensão do significado metafórico. A etimologia que fornece Paulino Nogueira é a seguinte: *y-que-í* o em que se entra. Teodoro Sampaio apresenta: "corrução de *y-iké-í*, aquele em que se entra, o covo para apanhar peixe (Bapt. Caetano); *jirau* (casa ou terraço feito sobre forquilhas, serve de canteiro, paiol ou ventilador (G. Dias), ou sobre forcados em sítios alagadiços (Martius). Na jangada é uma espécie de estrado onde se acomodam os passageiros. Em geral é qualquer estiva elevada do solo e suspensa em forquilhas (J. de Alencar). Etim.: corrução de *yirab* o que é para colher a comida ("Vocab. Indíg". cit. — P. Nogueira). Alfredo da Matta regista como procedente do tupi *yrau* acima dágua; o que nos parece mais razoável, pelo menos em acordo com o sentido em que é tomado o termo na Amazônia. Teodoro Sampaio considera "corrução de *yi—ráu*, suspensó d'água, levantado sobre a água" (ob. cit., pág. 216); *mudubim* (deveria ser *mendobi* (António Bezerra — ob. cit. página 129) — planta cujas folhas se assemelham às do feijão da Espanha e tem os ramos ao longo do chão; planta-se a mão e cada pé dá um grande prato de amendoís, que nascem nas pontas das raizes (Nogueira — Voc. cit.). Stradelli regista *menduby-menduí*. E' vocábulo guarani, segundo Varnhagem — corrutela de *mendobi*, *mandobi* ou *mandubi* estar em montão, de *mâ* montão e *ubi* estar (Montoya). Corrutela de *mandubi*, então seria formado de: *ybá* enterrado ou sepultado, e *tyby* fruto (B. Caetano) Apud. P. Nogueira — "Voc. Indig." cit.— verbete de *mudubim* — o demonstrativo prenominal *t* de *tyby*, por estar intercalado, não é estranho que se mude em *nd*, a mudança de *y*, ora em *u* ora em *i*, é natural e frequente, e a queda da inicial *y* muito usual (B. Caetano) — Teodoro Sampaio dá como alteração de *mandobi* — "corrução de *mandubi*, o pacote estimável, e remete para *manda* (ob. cit., pág. 244); Stradelli (ob. cit., págs. 512) refere ainda: "*mandiú-mandubi* — fruta comestível da Arachis hypogaea. E' muito oleoso e dá azeite de primeira qualidade"); *tatumondé* (Etim.: de *tatu* animal co-

nhecido e *mondé* armadilha. *Tatu* vem do tupi *ta-tu* casco grosso (B. Caetano). Stradelli apresenta *tatu mundéu* — tatu gordo, gordura de tatu. Casta de mosquito — *Philelotanus squammiventris;* e *tatu mundeu* — tatu manhoso — casta de Dasypus (ob. cit., pág. 669). Cita *mundé* com a significação de metido, recolhido, suspeitado, ratoeira e *mundeu* — vestido, ornado, enfiado, disfarçado. No "Vocabulário na Língua Brasílica" cit., pág. 110, está *mundé* — armadilha que tomba com peso, ou estalando. — Teodoro Sampaio refere *tatu* composto de *ta-tu,* casco encorpado ou denso (B. Caetano); *mondéo* — corrução de *mõ-ndé,* o que envolve, o que se alça; corr. *mundé,* o laço, o alçapão); *tabatinga* (barro branco ou esbranquecido). Do tupi *itab-tinga* argila branca (A. da Matta). *Tauá-tinga* — tabatinga, barro branco, terra branca (Stradelli — ob. cit., pág. 670). No "Vocab. na Língua Brasílica", cit., pág. 126, encontramos *tobatinga* — barro branco como cal. A propósito lembramos que Couto de Magalhães ("O Selvagem" cit. — página 87 do Curso de Língua Tupi Viva ou Nheengatu) traduz branco em *murutinga,* lembrando que na composição fica sòmente *tinga*); *jacu* (ave-penelipide). Em Stradelli corresponde a *iacu* (ob. cit., pág 240) — que define: esperto, apercebido, cuidadoso, referindo o mesmo vocábulo como *jacu* — casta de Penelops muito comum (Ibid., pág. 449). A. da Matta esposa a seguinte etimologia: do tupi *y acu* o que é desconfiado, esperto ("Cont. ao est. do vocab. amazon." cit.). Paulino Nogueira aceita a seguinte formação: de *yà* fruta e *cù* comer — o que traga, engole frutas (Batista Caetano). Segundo Liais (apud. Nogueira) vem do grito imitativo do pássaro.

Além destes nomes, em geral já vulgarizados, circulantes fora da onomástica, podemos citar alguns, que são mais conhecidos como de outras zonas do País, a exemplo de Ipiranga, Macapá, Sinimbu, os quais, por força do último Decreto-lei, foram quase todos substituídos por outros nomes.

(Continúa)